



Entre a cruz e o pentagrama: bricolagem simbólica e purismo no Neopaganismo contemporâneo

Between the Cross and the Pentagram: Symbolic Bricolage and Purism in Contemporary Neopaganism

Flávio Lopes Arantes¹

Resumo: Este artigo parte da hipótese de que o Neopaganismo contemporâneo, embora se afirme como ruptura com o Cristianismo, mantém com ele uma relação estrutural e simbólica profunda, na qual a identidade neopagã é moldada em tensão com o legado cristão. Para demonstrar esse argumento, analisa-se a prática denominada Quaresma Negra das Bruxas, proposta em redes sociais por criadoras de conteúdo ligadas à Bruxaria Pagã Moderna. À primeira vista, tal prática parece contraditória, ao adotar um tempo litúrgico cristão como matriz ritual para uma espiritualidade que se pretende pagã. No entanto, a análise revela que essa apropriação crítica de elementos cristãos, como os sete pecados capitais, evidencia o caráter híbrido e relacional do Neopaganismo, que opera por bricolagem simbólica, ressignificação e subversão ritual. Metodologicamente, recorre-se à etnografia digital e à análise simbólica das publicações relacionadas ao desafio, articulando referências dos estudos da religião e do esoterismo ocidental. A Quaresma Negra é interpretada como ritual de inversão, que ilumina zonas de ambiguidade entre crítica e continuidade, ruptura e reaproveitamento. O estudo contribui para a compreensão de novos movimentos religiosos enquanto formas de negociação simbólica com a tradição, especialmente em contextos de pluralismo e desinstitucionalização religiosa.

Palavras-chave: Neopaganismo; Bruxaria Moderna; Cristianismo; Apropriação simbólica; Hibridismo.

Abstract: This article starts from the hypothesis that contemporary Neopaganism, while presenting itself as a rupture with Christianity, maintains a deep structural and symbolic relationship with it, in which Neopagan identity is shaped through tension with the Christian legacy. To support this argument, the article analyzes the practice known as the Witches' Black Lent, proposed on social media by content creators associated with Modern Pagan Witchcraft. At first glance, this practice appears contradictory, as it adopts a Christian liturgical period as the ritual matrix for a spirituality that claims to be pagan. However, the analysis reveals that the critical appropriation of Christian elements, such as the seven deadly sins, demonstrates the hybrid and relational character of Neopaganism, which operates through symbolic bricolage, reinterpretation, and ritual subversion. Methodologically, the study draws on digital ethnography and symbolic analysis of the posts related to the challenge, engaging theoretical contributions from religious studies and Western esotericism. The Witches' Black Lent is interpreted as a ritual of inversion that highlights zones of ambiguity between critique and continuity, rupture and reappropriation. The study contributes to the understanding of new religious movements as forms of symbolic negotiation with tradition, especially within contexts of pluralism and religious deinstitutionalization.

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CAPES. ORCID: 0009-0004-5860-6416. E-mail: flavio.ensino@gmail.com



Keywords: Neopaganism; Modern Witchcraft; Christianity; Symbolic appropriation; Hybridism.

Introdução

O campo religioso contemporâneo tem sido marcado por um dinamismo que desafia as fronteiras tradicionais entre tradições, evidenciando processos de hibridização e ressignificação. Nesse contexto, a Quaresma Negra das Bruxas (*Witches' Black Lent*) emerge como um caso paradigmático de apropriação crítica de estruturas simbólicas cristãs por praticantes da Bruxaria Pagã Moderna, movimento que, embora frequentemente associado a uma rejeição discursiva do Cristianismo, não hesita em reelaborar seus elementos de forma subversiva. Criada em 2023 pela bruxa norte-americana Jasmyne Ambrosia, por meio de publicações no YouTube e no TikTok, a prática propõe a ressignificação dos sete pecados capitais, transformando-os em potências espirituais positivas a serem trabalhadas durante o período da Quaresma, tradicionalmente associado ao arrependimento e à abstinência na tradição cristã. Estruturada como um desafio vivencial de seis semanas, a Quaresma Negra convida seus participantes a escolher um dos pecados como foco devocional, explorando seus sentidos positivos por meio de práticas criativas como poesia, artes visuais, composição de incensos e ritualização simbólica, culminando em um feitiço final e uma etapa de reflexão escrita.

Ao questionar a moralidade abraâmica, essa prática perpetua a tendência recorrente no discurso êmico Neopagão de contrapor o antigo paganismo ao Cristianismo, sendo este último descrito como o responsável pela erradicação das formas antigas de religiosidade, bem como uma ferramenta de opressão social através da desvalorização do feminino e a negação da materialidade. Entretanto, ao explicitamente adotar a observação da quaresma como uma prática religiosa, ainda que em chave subversiva, a Quaresma Negra das Bruxas desafia as fronteiras discursivas cuidadosamente construídas por segmentos do campo neopagão que buscam a prática de um paganismo “puro”, livre de elementos cristãos. Embora o Neopaganismo contemporâneo seja marcadamente plural em suas formas e discursos, observa-se uma recorrência de narrativas êmicas que exaltam uma suposta pureza pagã anterior à cristianização, frequentemente associada a ideias de autenticidade espiritual e resgate ancestral. Como demonstraremos, isso se dá, muitas vezes, pela narrativa de reapropriar-se de elementos pagãos que supostamente foram



incorporados pelo Cristianismo no processo de conversão dos povos, ignorando o fato de que tais práticas, muitas vezes, não possuem origem pré-cristã, como é o caso de costumes associados às celebrações neopagãs do solstício de inverno e equinócio de primavera.

A análise desse fenômeno insere-se no debate mais amplo sobre hibridismo religioso e experiências intersticiais, particularmente no que diz respeito às estratégias de negociação simbólica em contextos de pluralidade espiritual. O caso da Quaresma Negra das Bruxas levanta uma questão fundamental: como podem praticantes que se identificam como bruxas pagãs, alinhadas a um discurso que reivindica a restauração de práticas pré-cristãs e a rejeição explícita da moralidade do Cristianismo, apropriar-se de estruturas simbólicas tão marcadamente cristãs como a quaresma e os pecados capitais? Essa ambiguidade, embora muitas vezes minimizada no discurso êmico por meio da narrativa de resgate do que teria sido anteriormente pagão, revela uma operação simbólica mais complexa, em que a oposição ao Cristianismo coexiste com sua absorção ritual e discursiva. A Quaresma Negra das Bruxas exemplifica essa condição liminar, ao transformar o calendário penitencial cristão em um ciclo mágico de empoderamento pessoal. Enquanto o discurso dominante no Neopaganismo tende a promover fronteiras identitárias claras entre paganismo antigo e Cristianismo, a prática analisada evidencia como essas fronteiras são vividas, e transgredidas, por meio de experiências intersticiais que desestabilizam a própria lógica purista do movimento.

A análise desse fenômeno insere-se no debate mais amplo sobre hibridismo religioso, particularmente no que diz respeito às estratégias de negociação entre tradições em contextos de pluralidade espiritual. Enquanto o discurso êmico comum dos segmentos neopagãos defende uma ruptura radical com o Cristianismo, a Quaresma Negra das Bruxas exemplifica uma abordagem alternativa: a reutilização criativa de símbolos cristãos não implica adesão, mas opera como forma de desconstrução crítica. Essa prática evidencia que a rejeição total ao Cristianismo não é unânime, como propõem os discursos puristas, revelando, em vez disso, um diálogo tenso, porém produtivo, com a tradição dominante no Ocidente.

Para examinar essa problemática, este artigo adota a perspectiva de Wouter Hanegraaff (1996) sobre a reconstrução simbólica no esoterismo ocidental, que compreende o sincretismo religioso como processo ativo de reinterpretação cultural. A abordagem de Ronald Hutton (1999) sobre a construção moderna da Bruxaria Pagã



Moderna também será fundamental para desnaturalizar a noção de "pureza" espiritual, demonstrando que o Neopaganismo é um produto de reelaborações contemporâneas. Metodologicamente, este estudo se configura como uma análise qualitativa de conteúdo digital, examinando materiais disponíveis nas redes sociais YouTube e TikTok, onde praticantes discutem e performam essa prática.

Ao situar a Quaresma Negra das Bruxas como um contraponto ao mito do purismo pagão, este trabalho busca contribuir para os estudos sobre religião contemporânea, destacando como as fronteiras entre tradições são constantemente negociadas e ressignificadas. A investigação não apenas ilumina um fenômeno específico da Bruxaria Moderna, mas também problematiza as narrativas de autenticidade e pureza que sustentam parte do imaginário identitário do Neopaganismo contemporâneo.

Os resultados da análise indicam que a Quaresma Negra das Bruxas atua como uma prática ritual liminar que evidencia o caráter inevitavelmente híbrido da religiosidade neopagã contemporânea. Ao incorporar um marcador litúrgico cristão e ressignificá-lo a partir de uma gramática espiritual centrada na agência, no prazer e na subversão moral, essa prática expõe as fragilidades internas do discurso purista neopagão, revelando-o como uma construção simbólica recente e não como um resgate fiel de tradições ancestrais. Mais do que uma exceção, contudo, essa forma de apropriação crítica, apesar de incomum, reafirma um traço fundamental do Neopaganismo moderno, que se mostra por si só como impeditivo à noção de pureza pré-cristã: sua constituição em oposição à moralidade abraâmica, especialmente no que tange à repressão do corpo, da sexualidade, do feminino e da experiência material. Mesmo quando se concentram apenas em narrativas e símbolos considerados pré-cristãos e “puros”, os discursos e práticas neopagãos frequentemente se definem por essa oposição constitutiva, o que torna práticas como a Quaresma Negra não um desvio, como pode parecer à primeira vista, mas uma expressão coerente de sua lógica interna. O estudo contribui, assim, para os debates acadêmicos sobre pluralidade religiosa e hibridismo, ao demonstrar como fronteiras identitárias são constantemente negociadas, reconfiguradas e tensionadas mesmo no interior de movimentos que buscam sua legitimação a partir da ideia de autenticidade histórica.



1. Neopaganismo, Wicca e a ilusão da pureza

Para que se possa compreender com precisão as dinâmicas simbólicas geradas por práticas neopagãs contemporâneas que tensionam categorias como pureza e fidelidade à tradição, é fundamental delinear, em primeiro lugar, os fundamentos conceituais e históricos do Neopaganismo moderno. Esta seção propõe um percurso teórico voltado à definição das principais categorias exploradas e à contextualização de seus processos de formação. Ao situar tais movimentos em sua relação com o Cristianismo, com a modernidade ocidental e com as correntes esotéricas que os atravessam, buscamos estabelecer as bases analíticas necessárias para a discussão que se seguirá nas próximas seções.

O termo Neopaganismo designa um conjunto heterogêneo de movimentos religiosos contemporâneos que reivindicam vínculos, reais ou simbólicos, com religiões pagãs anteriores à cristianização da Europa. Embora compartilhem uma sensibilidade comum voltada à valorização da natureza, ao simbolismo cíclico das estações do ano e à sacralidade imanente do mundo, tais movimentos são produtos de construções modernas, situadas no cruzamento entre espiritualidades emergentes, revivalismo identitário e a tradição esotérica ocidental. Como descreve York (2003, p. 12), o termo pagão deriva do latim *paganus*, que originalmente designava o habitante rural, do *pagus*, em contraste com o urbano. Com a cristianização das cidades romanas a partir do século IV, *paganus* passou a ser generalizado e associado a todos os não cristãos, que mantinham os cultos tradicionais locais, agora estigmatizados como atrasados. York ressalta que as expressões religiosas pré-cristãs não constituem uma identidade unificada, mas uma diversidade de práticas e culturas locais, posteriormente homogeneizadas pelo discurso cristão como “outro” não monoteísta que deve ser cristianizado. Assim, compreende-se que a própria noção de paganismo (e, conseqüentemente, Neopaganismo) é uma construção histórica generalista que reflete categorizações do Cristianismo, uma vez que iguala tradições religiosas independentes e diversificadas sob a categoria de “não cristão”. Hanegraaff (1996, p. 77) complementa essa análise ao apontar que o Neopaganismo se baseia nas expressões religiosas que foram historicamente perseguidas pelo Cristianismo, mas que são reinterpretadas em termos modernos.

Michael York (2003) propõe compreender o Neopaganismo não como uma religião específica, mas como uma família de expressões religiosas centradas na Terra e



na pluralidade divina, dentro das quais se inscreve a chamada Bruxaria Pagã Moderna, que hoje é composta por uma multiplicidade de denominações distintas entre si. Sua primeira forma institucionalizada é hoje identificada como Wicca, e foi codificada por Gerald Gardner em meados do século XX. Ela se distingue por articular um sistema ritual estruturado em graus iniciáticos, celebrações sazonais e uma teologia dualista centrada na Deusa da Fertilidade e no Deus da Morte. Como observa Hanegraaff (1996 p. 85), a Wicca é amplamente reconhecida como a primeira religião neopagã estabelecida, e emerge não como sobrevivência de um paganismo arcaico, como alega seu mito fundador, mas como criação moderna influenciada por correntes da magia cerimonial, pelo ocultismo europeu e pelo imaginário esotérico do século XX, constituindo um novo movimento religioso desenvolvido no interior do esoterismo ocidental. Nesse sentido, as categorias de Neopaganismo, Bruxaria Pagã Moderna e Wicca não remetem a uma continuidade histórica linear com formas pré-cristãs de religiosidade, mas a um campo simbólico moderno que se constrói por meio de reinterpretações seletivas e inventividade religiosa.

A emergência do Neopaganismo enquanto movimento religioso moderno está enraizada nas transformações socioculturais da Europa ocidental a partir do século XVIII, quando se consolida uma crítica às consequências da racionalização, da urbanização e da industrialização moderna. Como demonstra Ronald Hutton (1999), o Neopaganismo não deve ser compreendido como o prolongamento de um paganismo europeu subterrâneo, mas como resultado de um conjunto de correntes culturais que reagiram à modernidade por meio da revalorização da natureza, da sensibilidade artística e da nostalgia por um passado idealizado. Inspirado por elementos do romantismo, do nacionalismo cultural e em mitologias nativas, esse imaginário buscou reconstruir simbolicamente um mundo pré-cristão percebido como mais harmonioso, ecológico e conectado ao sagrado. A figura do antigo pagão passou a representar, nesse novo horizonte, um sujeito em sintonia com os ritmos da terra e com os ciclos naturais, em oposição ao sujeito urbano secularizado.

Essa leitura, no entanto, projeta sobre o passado uma concepção romantizada da religiosidade pagã, desconsiderando que muitas das formas religiosas pré-cristãs desenvolveram-se justamente em contextos urbanos complexos, como as práticas cívico-religiosas da pólis grega ou os cultos públicos e domésticos da Roma republicana e imperial. Assim, a oposição entre cidade e natureza, frequentemente mobilizada como fundamento identitário no discurso neopagão, revela-se menos como um dado histórico e



mais como uma construção simbólica moderna, informada por valores contemporâneos de crítica à modernidade industrial e à racionalização social.

Nesse contexto, o “paganismo antigo” não é redescoberto, mas reconstruído segundo os anseios espirituais e políticos de um tempo que buscava alternativas às estruturas normativas da religião dominante e da ciência iluminista. O Neopaganismo moderno nasce, portanto, como um projeto de invenção identitária, que utiliza imagens do passado como matéria simbólica para elaborar uma espiritualidade voltada às necessidades afetivas e existenciais da modernidade tardia.

Paradoxalmente, a centralidade da bruxaria como matriz simbólica da religiosidade pagã moderna implica a apropriação de um imaginário que foi historicamente construído pelo próprio Cristianismo. Como demonstra Norman Cohn (1975), a figura da bruxa², enquanto mulher que pactua com o Diabo, profana ritos cristãos e participa de sabás noturnos, é uma construção discursiva da teologia eclesiástica medieval, consolidada durante a perseguição sistemática às heresias entre os séculos XIV e XVII. Para Cohn, trata-se de uma fantasia sem bases em práticas religiosas históricas, elaborada a partir de estereótipos persecutórios cristãos. Jean Delumeau (2009) aprofunda essa análise ao mostrar como a imagem da bruxa foi mobilizada como “agente de Satã” no contexto de uma pedagogia do medo, em que a Igreja utilizava sermões, imagens e práticas devocionais para projetar sobre o feminino transgressor os medos estruturantes da cristandade. A bruxa torna-se, nesse imaginário, símbolo da desordem moral, da sexualidade indomada e da ameaça à salvação, operando como dispositivo disciplinador no seio da cultura religiosa ocidental. Carlo Ginzburg (2001), por sua vez, embora concorde que a bruxa diabólica foi homogeneizada pela Igreja, argumenta que alguns elementos dessas narrativas (como os voos noturnos ou assembleias rituais) podem derivar de tradições folclóricas anteriores, ainda que radicalmente ressignificadas pela Inquisição. Em comum, ambos os autores destacam que a figura da bruxa, longe de ser simplesmente um resquício pagão, é produto de um diálogo conflituoso entre ortodoxia

² O termo original presente nas fontes em inglês é *witch*, utilizado para se referir a pessoas de qualquer gênero. Neste artigo, optamos por traduzir esse termo como bruxa (bruxas, no plural) em consonância com a maior parte das traduções disponíveis, tanto no campo dos estudos sobre a perseguição histórica à bruxaria quanto nas obras sobre a Bruxaria Pagã Moderna. Embora a maioria das tradições contemporâneas de bruxaria admita a participação de pessoas de todos os gêneros, a centralidade da figura feminina, tanto no imaginário da bruxaria diabólica quanto na iconografia e narrativa das práticas neopagãs, justifica a adoção do termo no feminino como forma estilística e simbólica.



cristã e imaginário popular, o que desestabiliza a noção neopagã de uma “bruxaria pagã antiga”, pré-cristã, ou mesmo de uma nova bruxaria sem qualquer laço com o Cristianismo.

A esse debate soma-se a contribuição de Jeffrey Russell e Brooks Alexander (2019), que analisam a construção histórica da bruxaria tanto no contexto medieval quanto moderno. Ao traçar o percurso que vai das perseguições inquisitoriais à emergência do Neopaganismo contemporâneo, os autores mostram como a bruxaria moderna, embora inspirada em elementos simbólicos e imaginários do passado, constitui um fenômeno novo, situado nas condições culturais da modernidade ocidental. Para eles, a Wicca e as formas correlatas de religiosidade pagã não são continuidades diretas de cultos antigos, mas reconstruções seletivas que reimaginam a figura cristã da bruxa à luz de valores contemporâneos como autonomia, feminismo e ecologia. Essa leitura reforça a ideia de que a bruxaria atual, ainda que afirme raízes em culturas pré-cristãs, é marcada por um processo criativo de ressignificação e bricolagem simbólica, mais comprometido com o presente do que com a fidelidade histórica. Portanto, a imagem da bruxa como agente do mal não corresponde a uma realidade histórica documentada, ou a uma figura presente nas religiões pré-cristãs, mas constitui uma nova síntese discursiva que amalgama estereótipos clericais sobre a sexualidade feminina, práticas de cura populares e saberes marginalizados. A Bruxaria Moderna, ao reivindicar a identidade de “bruxa”, não apenas rompe com esse estigma, mas opera uma inversão simbólica que transforma essa figura perseguida em emblema de sabedoria antiga, resistência espiritual e reconexão com a sacralidade da natureza. Essa ressignificação, contudo, não elimina a matriz cristã do símbolo: a bruxa moderna ainda é, em larga medida, a bruxa criada pela teologia cristã, mas agora redimida, subvertida e celebrada. Ao assumir como identidade positiva uma figura cuja existência histórica foi moldada pela acusação cristã, o Neopaganismo evidencia novamente seu caráter híbrido e relacional: constrói-se não à margem do Cristianismo, mas a partir daquilo que dele herdou, recusou ou reformulou.

De tal reformulação, surge a Wicca, apresentada publicamente pela primeira vez pelas obras de Gerald Gardner, publicadas na década de 1950. Como demonstrado em análise prévia (Arantes, 2023), que examinou as obras de Gardner sob perspectiva discursiva, a tensão entre Cristianismo e paganismo está no cerne de seu discurso, e opera como elemento estruturante da teologia implícita da Wicca. Gardner propõe uma



dicotomia clara entre as deidades das bruxas e o Deus cristão, mobilizando uma inversão simbólica que reaproveita a narrativa da perseguição cristã à bruxaria para construir uma contraposição entre opressão e libertação. Enquanto o Deus monoteísta é descrito como raivoso, julgador e alheio ao sofrimento humano, os Deuses das bruxas, descritos como menores, próximos, amantes da alegria e do prazer, são caracterizados em seu discurso como entidades compassivas e cúmplices da felicidade humana (Gardner, 2003, p. 88, 118). Essa oposição não é apenas moral, mas ontológica: o Deus cristão é transcendente e todo-poderoso, ao passo que os Deuses da Wicca operam em simbiose com os humanos, compartilhando desejos e necessidades em uma relação mútua de troca.

Tal contraste remonta diretamente ao pensamento murrayano (fundamentado na hipótese do culto das bruxas) que influenciou Gardner, segundo o qual o Deus de Chifres das bruxas, originalmente uma divindade pagã da fertilidade, teria sido demonizado pelo Cristianismo, dando origem à iconografia do diabo. O resultado é uma inversão da teologia cristã, onde os elementos tradicionalmente rotulados como profanos ou demoníacos são ressignificados como portadores de sacralidade e liberdade. Assim, mesmo ao se apresentar como uma religião antiga, a Wicca revela-se tributária de um imaginário profundamente marcado pela gramática cristã, pois é justamente em oposição a ela que estrutura sua identidade teológica e simbólica.

Esse viés de oposição simbólica ao Cristianismo já se fazia presente em textos anteriores à Murray que também influenciaram diretamente o imaginário da Wicca, que moldaria as concepções de Neopaganismo e do movimento mais amplo de Bruxaria Pagã Moderna. Como observa Faxneld (2017), isso se dá pela reinterpretação do imaginário diabólico associado à ideia cristã de bruxaria, agora interpretada em lentes positivas e transgressoras, permeadas de elementos de um suposto resgate pagão. Em *A Feiticeira* (Michelet, 2003), publicado originalmente em 1862, Jules Michelet constrói uma narrativa em que a bruxa representa a resistência feminina e camponesa à opressão da Igreja e do Estado, simbolizando uma religiosidade popular suprimida por séculos de perseguição. A obra associa a imagem do diabo ao deus Pã, e eleva ele e a figura da mulher como os redutores políticos e espirituais do mundo, associando ambos ao conhecimento à ciência e ao progresso, combatendo os “males” do Cristianismo sobre a sociedade.

Essa perspectiva é radicalizada em *Aradia: o Evangelho das Bruxas*, de Charles Leland (2016), publicado originalmente em 1899, que desenvolve uma mitologia própria



que se apropria e ressignifica personagens simbólicos de oposição à Igreja para descrever uma religião pagã de resistência e oposição ao aspecto político do Cristianismo. Nele, a deidade principal é Diana, não mais descrita como a deusa virgem da lua e da caça, como no paganismo romano pré-cristão, mas como a própria rainha das bruxas, valendo-se da mitologia medieval associada à Diana, que se torna o depositário diabólico da sobrevivência de práticas pagãs nos discursos oficiais da Igreja, como é o caso de sua menção no *Canon Episcopi* como a “deusa dos pagãos” (Ginzburg, 1991). Na narrativa do evangelho das bruxas, Diana é elevada à posição de deidade criadora de todo o cosmos, dando origem à luz, como a narrativa do Gênesis; entretanto, aqui, a luz é igual a Lúcifer, “(...) seu irmão e filho, ela mesma e sua contraparte” (Leland, 2016, p. 27), uma referência tanto à tradução latina do nome do deus grego Eósforo, quanto uma referência direta ao próprio imaginário do diabo cristão, uma vez que ele é descrito como aquele “(...) que fora expulso do paraíso por ser muito orgulhoso de sua beleza” (Leland, 2016, p. 13). Juntos, eles concebem *Aradia*, que desce ao mundo como humana para combater a opressão da Igreja, libertando os escravos e oprimidos através dos ensinamentos e do culto de sua mãe, Diana, em uma clara referência à figura de Jesus.

Ou seja, a obra inverte simbolicamente os pilares do Cristianismo, substituindo elementos como a eucaristia, a trindade, o messianismo e o pecado em rituais de prazer, magia e desobediência. Essa subversão simbólica inspirará profundamente a Wicca, especialmente em um de seus principais textos litúrgicos, a Carga da Deusa, que transpõe trechos de *Aradia* quase literalmente, mantendo seu ethos de resistência e sacralização do corpo e do desejo. Assim, tanto Michelet quanto Leland não apenas ofereceram narrativas alternativas sobre a bruxaria histórica, mas também forneceram as bases mitológicas e políticas para a emergência do movimento contemporâneo da Bruxaria Pagã Moderna, que continua a operar como espiritualidade contra hegemônica e caminho de reinvenção simbólica diante do legado cristão.

Portanto, essa memória simbólica da perseguição, centrada na figura da bruxa como vítima histórica da demonização promovida pela Igreja, constitui um dos pilares da identidade neopagã moderna. É justamente a percepção do Cristianismo como força repressora e extirpadora das antigas formas de religiosidade que alimenta, em muitos círculos neopagãos, a aspiração por uma prática religiosa livre de elementos cristãos. Ao subverter a imagem diabólica da bruxa, a Wicca não apenas reivindica essa figura como



símbolo de sabedoria e liberdade, mas também produz uma crítica abrangente a aspectos centrais da moralidade cristã, como a negação da vida e dos prazeres materiais, o distanciamento do corpo e a subjugação histórica das mulheres. Em contraste, o culto wiccaniano eleva a Deusa ao centro da prática ritual e confere à sacerdotisa um papel de autoridade religiosa plena, propondo uma espiritualidade que celebra o corpo, a sexualidade, os ciclos da natureza e a agência feminina. Nesse contexto, a pureza pagã não é apenas uma exigência de fidelidade histórica, mas uma afirmação simbólica de resistência e reconstrução identitária diante de um passado percebido como marcado pela opressão.

Essa constante tensão aponta que, apesar de propor uma ruptura simbólica com o Cristianismo e um retorno às origens pré-cristãs da religiosidade europeia, a Wicca (e, portanto, o Neopaganismo) não se desenvolve à margem dele, mas incorpora, de modo criativo e seletivo, diversos elementos provenientes do esoterismo moderno, da magia cerimonial e da simbologia maçônica, todos marcadamente por influências cristãs. Esses traços evidenciam que a Wicca não apenas dialoga com a tradição que critica, mas a reinscreve sob nova forma, constituindo uma sofisticada bricolagem³ religiosa. Assim, qualquer reivindicação de pureza pagã original revela-se insustentável diante da matriz híbrida que fundamenta a Bruxaria Pagã Moderna em suas origens.

Ainda nessa tensão, um dos mecanismos mais recorrentes pelos quais o discurso êmico neopagão sustenta sua imagem de pureza simbólica é a narrativa de que muitos símbolos e datas do calendário cristão seriam, na verdade, apropriações de festividades pagãs anteriores, usurpadas durante o processo de cristianização da Europa. Essa lógica de um suposto resgate simbólico opera como autorização para a presença de certos elementos associados ao Cristianismo, desde que reinterpretados como originalmente pagãos. É o que se observa, por exemplo, na assimilação da árvore de Natal como símbolo do solstício de inverno (Yule) ou na celebração da Deusa Eostre durante o equinócio de primavera, acompanhada de coelhos e ovos coloridos típicos da Páscoa.

Entretanto, essas narrativas de reapropriação ocultam a historicidade recente desses elementos: a árvore de Natal, por exemplo, não tem raízes medievais nem pagãs, tendo surgido no século XVI na região do Reno e se espalhado pela Inglaterra apenas no

³ Utilizamos aqui o termo bricolagem no sentido próximo ao de recombinação simbólica, tal como descrita por Hanegraaff (1996), e não no sentido técnico estrito proposto por Lévi-Strauss.



século XIX (Hutton, 1996, p. 147). Já a figura de Eostre, cuja existência se fundamenta exclusivamente em uma breve menção de Beda, um monge anglo-saxão do século VIII, foi reinterpretada no século XIX por Jacob Grimm, tornando-se um símbolo popular da religiosidade romântica germânica, embora sem comprovação de culto pagão histórico (Schnurbein, 2016, p. 97). Da mesma forma, ovos pintados e sua associação com a fertilidade e o renascimento têm raízes muito mais próximas das práticas cristãs europeias modernas do que de cultos antigos. Como demonstra Newall (1971, p. 158–161), o ovo pascal foi incorporado aos ritos cristãos como símbolo da ressurreição, sendo disseminado especialmente nos costumes populares do Leste Europeu e posteriormente absorvido também por judeus europeus, em um processo de intercâmbio cultural entre Páscoa e Pessach. O que se observa, portanto, não é uma continuidade histórica, mas uma reelaboração simbólica moderna, que permite ao Neopaganismo alinhar-se esteticamente às atmosferas sazonais compartilhadas pela cultura cristã hegemônica, sobretudo no hemisfério norte. Como veremos na análise da Quaresma Negra das Bruxas, essa operação se torna mais tensa e visível quando os elementos apropriados pertencem diretamente à esfera teológica cristã, como o conceito de pecado ou o próprio nome “quaresma”, revelando os limites da narrativa purista e as fricções internas ao campo neopagão contemporâneo.

Em síntese, a Bruxaria Pagã Moderna não se fundamenta em uma suposta pureza pré-cristã, mas em um processo dinâmico de resignificação cultural que, como demonstra Hanegraaff (1996), caracteriza a religiosidade esotérica contemporânea. Longe de representar uma continuidade histórica ininterrupta, o Neopaganismo emerge como resposta às condições da modernidade - secularização, racionalismo e hegemonia cristã - através da apropriação crítica e seletiva de repertórios tradicionais. O próprio Cristianismo, em seus elementos linguísticos, cosmológicos e rituais, é constantemente reinterpretado, e a crítica a ele serve paradoxalmente como eixo identitário central para a definição das divindades, ética e imaginário neopagãos. Nesse processo, que Hanegraaff descreve como uma operação hermenêutica voltada ao presente, não há retorno ao passado, mas sim invenção: símbolos e práticas antigas são resignificados à luz das necessidades contemporâneas. O discurso do purismo pagão revela-se como uma construção ideológica posterior, distante tanto das práticas fundadoras da Wicca quanto da natureza sincrética do movimento. Práticas como a Quaresma Negra das Bruxas,



portanto, não constituem desvios, mas expressões legítimas dessa lógica interna: uma espiritualidade moderna que se constrói através da reelaboração criativa dos materiais que herda, rejeita ou subverte da tradição dominante.

2. O desafio virtual da Quaresma Negra das Bruxas

A análise foi conduzida por meio de etnografia digital, concentrando-se nos materiais produzidos pela criadora da prática, Jasmyne Ambrosia. Os dados foram extraídos principalmente de um vídeo publicado em seu canal no YouTube, no qual a proposta é apresentada e discutida pela primeira vez com maior densidade, e de dois posts publicados em sua conta oficial do TikTok, que esclarecem os objetivos da prática e detalham o desafio ritual proposto. A escolha desses materiais se deu por sua centralidade na formulação simbólica e na circulação pública da proposta, bem como pela clareza com que condensam os sentidos atribuídos à prática pela própria autora.

A Quaresma Negra das Bruxas constitui um exemplo emblemático das tensões simbólicas que atravessam o Neopaganismo. Sua proposta – ressignificar os sete pecados capitais em um ciclo ritual alinhado ao calendário cristão – mobiliza referências religiosas que, à primeira vista, pareceriam incompatíveis com uma forma de religiosidade que se define precisamente por sua rejeição ao Cristianismo e busca por resgatar práticas pré-cristãs. Essa tensão expõe uma contradição latente: como é possível que pessoas que se identificam como neopagãs, alinhadas a um discurso que reivindica raízes pré-cristãs e denuncia o Cristianismo como tradição repressiva, se apropriem de símbolos centrais da religião cristã? Tal ambivalência não é apenas teórica, mas manifesta-se nos próprios discursos ênicos da comunidade neopagã, que frequentemente rechaça práticas vistas como “contaminadas” por influências cristãs. A Quaresma Negra, ao trazer para o centro de sua prática elementos como os pecados capitais, a ideia de blasfêmia e a observação religiosa de um período do calendário cristão, tensiona diretamente esse imaginário purista. Esta seção analisa o material empírico relacionado à prática, com o objetivo de compreender como suas aderentes articulam esse gesto de apropriação simbólica, como justificam sua legitimidade ritual e como lidam com eventuais reações internas à comunidade neopagã.

A Quaresma Negra é uma proposta vivencial, divulgada inicialmente em suas redes sociais, especialmente no canal homônimo do YouTube e no perfil @3obsidianeyes



no TikTok. Com aproximadamente 8 mil inscritos no YouTube e mais de 18 mil seguidores no TikTok (dados de maio de 2025), Jasmyne mobiliza essas plataformas como espaços de divulgação de práticas espirituais que transitam entre a bruxaria moderna e a temática queer. A proposta da Quaresma Negra surge no contexto de desafios de criação de conteúdo típicos dessas redes, mas é elaborada como um gesto simbólico de resignificação do calendário cristão e de oposição à lógica moral da penitência.

Em transmissão ao vivo realizada em 22 de fevereiro de 2023 em seu canal do YouTube, Ambrosia (2023a, 5min35s) descreve a prática como “blasfêmia sagrada e empoderamento pessoal”, deixando claro que se trata de um projeto de apropriação crítica da liturgia quaresmal cristã à luz de um vocabulário espiritual pagão. A proposta é organizada em torno da reinterpretação dos sete pecados capitais, tomados como potenciais caminhos de autoconhecimento, poder pessoal e afirmação do prazer, em contraste com a noção de pecado original e com a estrutura moral repressiva associada, segundo as autoras, às tradições abraâmicas. Ambrosia se identifica como bruxa pagã, tendo anteriormente se descrito como wiccaniana, e dialoga no vídeo com Trish, do canal BeanBagHagWag, também ex-católica e ex-wiccaniana, que compartilha experiências semelhantes de transição religiosa e elaborações simbólicas entre o Cristianismo e a Bruxaria Pagã Moderna. Ambas abandonaram, em determinado ponto de suas vidas, sua identificação com a Wicca para descreverem-se como praticantes de “bruxaria pagã”, um termo mais amplo e generalista, que não diz respeito à aderência a uma forma sistematizada e institucionalizada de Bruxaria Pagã Moderna, e que permite a cada praticante desenvolver o seu próprio sistema pessoal. Ambas reconhecem a influência do Cristianismo em suas formações espirituais, ao mesmo tempo em que propõem uma ritualização alternativa que transforma elementos herdados, como a quaresma, em instrumentos de libertação e agência espiritual. A Quaresma Negra é, assim, introduzida como uma prática que resignifica a lógica da penitência por meio de uma afirmação da sacralidade do corpo, do desejo, da materialidade e da experiência pessoal religiosa.

A estrutura da Quaresma Negra das Bruxas foi detalhada por Jasmyne Ambrosia em publicações no TikTok e no YouTube, organizando-se como um desafio durante as seis semanas da quaresma, que convida praticantes a resignificar, de maneiras vivenciais e cerimoniais, os sete pecados capitais. A proposta inicia-se na chamada “Quarta-feira Negra”, uma inversão simbólica da Quarta-feira de Cinzas, e se desdobra em atividades



semanais que combinam reflexão, criação estética e ritualização pessoal. Na primeira semana, os participantes são incentivados a estudar os sete pecados e a escolher um deles como foco individual. Na segunda semana, devem escrever um poema devocional que funcione como invocação simbólica do pecado escolhido. A terceira semana propõe a confecção de uma representação material do pecado, seja em desenho, escultura ou colagem, enquanto a quarta semana convida à criação de uma fragrância ritual (incenso ou perfume) que expresse aromaticamente as qualidades associadas àquele pecado. Na quinta semana, o praticante é orientado a reunir os elementos criados e construir um ritual ou feitiço, tratando o pecado como uma força espiritual ou entidade simbólica com a qual se deseja trabalhar. Por fim, a sexta semana é dedicada à reflexão escrita sobre o processo, com anotações pessoais (Ambrosia, 2023b).

Em publicações posteriores, do ano seguinte à proposta da prática, Ambrosia (2024) apresenta um quadro de ressignificação para cada pecado, atribuindo-lhes sentidos positivos: a ira torna-se justiça e ativismo; a inveja, inspiração e manifestação; a gula, celebração comunitária; a preguiça, autocuidado; a luxúria, desejo e liberdade; a avareza, estabilidade e sucesso; e o orgulho, autoaceitação e amor-próprio. Essa estrutura revela uma lógica que vai além da paródia ou da negação simbólica; trata-se de uma prática sistemática de reinvenção espiritual, sustentada por um trabalho poético, material e devocional que integra elementos da tradição cristã em uma nova gramática pagã. Nesse sentido, a Quaresma Negra das Bruxas se posiciona como uma liturgia alternativa que transforma o calendário da penitência em um ciclo de reencantamento pessoal.

A fundamentação simbólica da Quaresma Negra das Bruxas é articulada a partir de uma crítica explícita à moralidade cristã e à sua concepção repressiva de natureza humana. Jasmyne Ambrosia descreve a prática como um gesto que tem por finalidade a “Devoção ao nosso próprio entendimento do divino através de um tipo de blasfêmia sagrada, que incorpora essa tradição católica à nossa prática de bruxaria” (Ambrosia, 2023a, 27min26s). A noção de blasfêmia é central para sua proposta, mas é ressignificada: não se trata de uma ofensa ao sagrado alheio, mas de um instrumento de libertação pessoal diante de traumas religiosos herdados das tradições abraâmicas. A ideia de “blasfêmia sagrada”, segundo Ambrosia, opera como um ritual de afirmação do “divino dentro de nós”, aproximando-se de uma espiritualidade centrada na autonomia individual e na agência subjetiva. Nesse sentido, sua proposta dialoga abertamente com a estética e os



valores do chamado caminho da mão esquerda, com o qual Ambrosia se identifica. Ao buscar por paralelos no esoterismo moderno ao desafio da Quaresma Negra, ela faz referência explícita à Missa Gnóstica de Aleister Crowley como exemplo de inversão ritualizada de conteúdos cristãos (Ambrosia, 2023a). As falas de Trish, sua interlocutora no vídeo, reforçam esse horizonte simbólico: ambas compartilham o repúdio à ideia de pecado original, afirmam que os sete pecados capitais contêm, na verdade, potências positivas, e interpretam a prática da Quaresma Negra como um caminho de cura e revalorização de aspectos da vida que o Cristianismo historicamente associou à culpa, à vergonha e à repressão, como o desejo, o prazer, o descanso, a afirmação do corpo e a autonomia financeira. A resignificação desses temas é apresentada não como paródia, mas como busca terapêutica e espiritual: uma experiência na qual a transgressão ritualizada constitui, ao mesmo tempo, emancipação pessoal, crítica teológica e reconstrução simbólica de sentido.

A tonalidade geral da Quaresma Negra das Bruxas oscila entre o devocional e o provocador, mobilizando simultaneamente categorias religiosas, estéticas e políticas. A proposta não se apresenta como paródia secularizada, mas como performance religiosa que afirma uma espiritualidade situada, queer, antinormativa e subjetivamente enraizada, em oposição à moralidade punitiva herdada do Cristianismo. A apropriação de elementos litúrgicos cristãos, como o calendário quaresmal, e sua subversão simbólica em vivências dedicadas à luxúria, à gula, ao orgulho e à avareza, compõem uma estética do excesso e da recombinação que se insere plenamente na lógica das espiritualidades contemporâneas analisadas por Hanegraaff (1996). Ambrosia e Trish, ao narrarem suas trajetórias de transição religiosa e reconstrução pessoal, dão forma a uma espiritualidade marcada por deslocamentos do pecado à potência, da culpa ao orgulho, da submissão à agência, que se encena, performa e se afirma publicamente em ambiente digital. A prática da Quaresma Negra, portanto, não apenas resignifica os pecados capitais em chave terapêutica ou filosófica, mas também os reconfigura como ferramentas mágicas e espirituais. Ao fazê-lo, inscreve-se na tradição mais ampla de espiritualidades esotéricas modernas que, em vez de rejeitar o passado cristão, o reciclam de modo inventivo, crítico e pessoal. Essa operação simbólica, que funde trauma religioso, criatividade ritual e construção de identidade, revela a potência da bricolagem espiritual como forma de resistência e de produção de sentido nas margens do campo religioso contemporâneo.



Outro elemento digno de nota é o vocabulário mobilizado por Ambrosia e Trish, fortemente marcado por categorias típicas da cultura da Nova Era, como manifestação, divino interior, empoderamento e cura espiritual. Essas expressões não apenas situam a prática da Quaresma Negra em um horizonte esotérico moderno, mas também indicam o deslocamento de suas participantes em relação a sistemas religiosos estruturados como a Wicca, da qual ambas se afastaram. A mudança de identificação, de wiccanianas para bruxas pagãs, não parece representar uma ruptura com a religiosidade em si, mas uma recusa às formas hierárquicas, iniciáticas e liturgicamente reguladas que caracterizam a Wicca. Nesse novo horizonte simbólico, a experiência pessoal, a criatividade ritual e a autonomia subjetiva passam a constituir os principais critérios de validade espiritual. O ambiente digital potencializa essa transformação ao oferecer uma arena de circulação, experimentação e legitimação simbólica desvinculada de estruturas iniciáticas e normas de autoridade ritual. Assim, práticas como a Quaresma Negra das Bruxas encontram nas redes sociais um espaço simbólico fértil, não apenas para sua difusão, mas também para sua legitimação enquanto forma de invenção religiosa. Trata-se de um movimento em que a prática espiritual se torna pública, recombinante, experiencial e autorreferente – características que, como será discutido a seguir, são centrais na religiosidade esotérica contemporânea conforme analisada por Wouter Hanegraaff.

3. Pureza, subversão e recombinação no Neopaganismo

A identidade religiosa do Neopaganismo moderno caracteriza-se por uma relação dialética com o Cristianismo, marcada simultaneamente por crítica e reapropriação simbólica. Essa ambivalência estrutural, onde elementos cristãos são simultaneamente rejeitados como instrumentos de opressão histórica e ressignificados como matéria-prima ritual, revela a natureza intersticial do movimento. Como demonstra Hanegraaff (1996), longe de buscar uma suposta pureza pré-cristã, a religiosidade esotérica contemporânea opera através de processos criativos de recombinação cultural, adaptando tradições hegemônicas às necessidades espirituais da modernidade. A Quaresma Negra das Bruxas exemplifica essa dinâmica ao transformar a estrutura litúrgica cristã da quaresma em veículo para uma prática pagã contemporânea, mantendo a forma enquanto subverte radicalmente o conteúdo. Nesse espaço de limiar, o movimento neopagão revela sua capacidade paradoxal de se constituir tanto contra quanto através do Cristianismo.



Esse processo de ressignificação não se restringe à Quaresma Negra, mas configura um padrão estrutural no Neopaganismo contemporâneo. Como demonstram os casos da Árvore de Yule e dos símbolos pascais analisados anteriormente (Hutton, 1996; Newall, 1971), mesmo elementos claramente vinculados ao desenvolvimento histórico do Cristianismo são reinterpretados como heranças pagãs “recuperadas”. Essa operação discursiva, contudo, encontra seus limites quando confrontada com práticas de inequívoca matriz cristã, revelando a tensão constitutiva entre o projeto purista e a realidade híbrida do movimento. A contradição aparente, no entanto, dissipa-se quando compreendemos, com Hanegraaff (1996), que a “tradição” no esoterismo moderno funciona menos como legado histórico do que como repertório aberto à reinterpretação criativa. Nesse sentido, a Quaresma Negra longe de ser uma exceção, explicita com singular clareza o *modus operandi* do Neopaganismo: a constante negociação entre a rejeição retórica do Cristianismo e sua apropriação prática como fonte simbólica.

A dimensão experiencial dessas práticas revela sua dupla natureza transgressora e terapêutica. Na Quaresma Negra, os sete pecados capitais são reinterpretados como ferramentas de empoderamento individual: a luxúria como afirmação do desejo, a preguiça como direito ao repouso, a ira como motor de transformação pessoal (Ambrosia, 2023a). Essa reconversão de valores morais em instrumentos de crescimento pessoal ilustra o que Hanegraaff (1996) identifica como “psicologização do religioso”, processo no qual estruturas tradicionais são apropriadas para fins de autoconhecimento e cura íntima. Nota-se aqui uma inversão paradigmática: elementos antes associados à culpa e à restrição são ressignificados como recursos para a autonomia subjetiva, particularmente em contextos marginalizados, como o relato de Ambrosia sobre sua transição de gênero. Mais que uma síntese eclética, trata-se de uma estratégia discursiva que transforma o legado religioso hegemônico em matéria-prima para projetos identitários alternativos.

A Quaresma Negra exemplifica ainda outra dimensão fundamental da espiritualidade contemporânea: sua desinstitucionalização radical. A prática emerge e se consolida inteiramente à margem das estruturas tradicionais de autoridade religiosa, encontrando na esfera digital seu principal espaço de circulação e validação. Como observa Beyer (2006), esse fenômeno reflete uma transformação mais ampla nas economias do sagrado na modernidade tardia, onde plataformas como TikTok e YouTube assumem o papel que outrora coube a templos e ordens iniciáticas. Nesse contexto, figuras



como Jasmyne Ambrosia operam como “curadoras espirituais digitais”, criando rituais que dispensam hierarquias fixas, manuais litúrgicos ou processos formais de iniciação. A legitimidade da Quaresma Negra não deriva de linhagens ou textos canônicos, mas da capacidade de seus símbolos e performances ressoarem com as experiências de uma comunidade dispersa. É significativo notar como essa dinâmica produz uma forma peculiar de tradição: ainda que se apresente como ruptura com sistemas estabelecidos (como a Wicca, rejeitada por Ambrosia e Trish por seu formalismo), ela acaba por criar suas próprias convenções - hashtags, desafios temáticos, estéticas visuais padronizadas - que funcionam como marcadores de pertencimento.

A análise da Quaresma Negra revela assim um paradigma fundamental da espiritualidade contemporânea: sua natureza essencialmente liminar e polissêmica. No ecossistema neopagão, como demonstramos, a autenticidade religiosa não se mede pela fidelidade histórica ou pureza doutrinária, mas pela capacidade criativa de negociar significados em zonas fronteiriças entre tradições. A originalidade da Quaresma Negra reside precisamente em sua habilidade de articular três dimensões cruciais: a crítica social ao legado cristão, a reconstrução terapêutica do self, e a inovação ritual mediada pelas lógicas digitais. Isso só se torna possível quando abandonamos a noção de tradições religiosas como sistemas fechados, passando a entendê-las como repertórios abertos à reinterpretação contextual.

O caso aqui analisado sugere ainda uma implicação teórica mais ampla: o Neopaganismo contemporâneo, em sua relação ambivalente com o Cristianismo, pode ser lido como microcosmo das transformações da religião na modernidade. Se, por um lado, ele reivindica uma ruptura com estruturas religiosas hegemônicas, por outro, revela-se profundamente moldado por elas, não por fraqueza teórica, mas porque necessariamente habita os interstícios entre velhas e novas formas de vivência religiosa.

Considerações finais

Mais do que um caso isolado ou excêntrico, a prática da Quaresma Negra das Bruxas revela uma característica estrutural do Neopaganismo moderno: sua dependência constitutiva em relação ao Cristianismo como polo de contraste, fonte de conflito simbólico e matéria-prima ritual. A análise demonstrou que a Bruxaria Pagã Moderna não se limita a apropriar um passado pré-cristão, mas se constitui através da tensão e



reapropriação do legado cristão. Trata-se de um campo religioso cuja lógica simbólica é profundamente marcada por movimentos ambivalentes: ora reivindica pureza pagã para se distinguir do Cristianismo; ora reinterpreta como “origens pagãs roubadas” práticas cristãs populares, como a árvore de Natal ou os ovos de Páscoa; ora, como no caso analisado, realiza uma apropriação consciente de elementos cristãos inassimiláveis, como a quaresma e os pecados capitais, com o objetivo explícito de subvertê-los.

A Quaresma Negra das Bruxas exemplifica, assim, a experiência religiosa intersticial: uma forma de espiritualidade que opera entre campos simbólicos divergentes e ressignifica suas contradições como potência criativa. Ao transformar a quaresma cristã em um tema dedicado à ressignificação dos pecados como virtudes, Jasmyne Ambrosia e suas interlocutoras não apenas deslocam a gramática moral cristã, mas revelam o quanto essa gramática ainda estrutura os termos da disputa simbólica no interior do Neopaganismo. Essa operação ritual não pode ser compreendida como simples provocação ou desvio individual, mas como sintoma de uma lógica estrutural mais ampla: a do Neopaganismo enquanto religião que se constitui contra e a partir do Cristianismo. Como argumentado com base nos estudos de Hanegraaff e Beyer, essa espiritualidade intersticial não representa um estágio transitório, mas uma forma consolidada de produção religiosa, marcada por recombinação simbólica, subjetivação da autoridade e circulação desinstitucionalizada.

Dessa forma, este artigo demonstra que a espiritualidade neopagã não pode ser reduzida a uma construção religiosa baseada no resgate de elementos do passado pré-cristão, mas deve ser entendida como um fenômeno marcado pela ressignificação criativa de tradições em conflito. A Quaresma Negra das Bruxas explicita uma dinâmica que permeia silenciosamente grande parte do Neopaganismo contemporâneo: a fronteira simbólica entre paganismo e Cristianismo não opera como uma linha de separação, mas como um espaço dialético de negociação e subversão. Essa perspectiva desafia não apenas narrativas êmicas puristas, mas também modelos acadêmicos que insistem em categorias rígidas de autenticidade religiosa. Longe de ser um estágio transitório, essa intersticialidade constitui uma forma consolidada de produção religiosa, caracterizada pelo rearranjo simbólico, subjetivação da autoridade e circulação desinstitucionalizada. Futuras pesquisas poderiam explorar como essa lógica se manifesta em outros rituais neopagãos, bem como em outros novos movimentos religiosos que são paralelos a ele. O



caso analisado aqui abre caminho, assim, para uma reavaliação mais ampla das dinâmicas de dependência e inovação que estruturam novos campos religiosos marginalizados, e de como eles resistem, mesmo inadvertidamente, às epistemologias dominantes da modernidade.

Referências bibliográficas

AMBROSIA, Jasmyne. *A Witches' Black Wednesday Celebration*: Special Guest BeanBagHagWag. [S. l.]: YouTube, 22 fev. 2023a. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y_xiWQ9-Lj4. Acesso em: 2 maio 2025.

AMBROSIA, Jasmyne. Parte 8. [S. l.]: TikTok, 23 fev. 2023b. 1 imagem. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSer9X5o/>. Acesso em: 2 maio 2025.

AMBROSIA, Jasmyne. Parte 2. [S. l.]: TikTok, 8 mar. 2023c. 1 vídeo. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBouJ1em/>. Acesso em: 2 maio 2025.

AMBROSIA, Jasmyne. Parte 11. [S. l.]: TikTok, 6 fev. 2024. 1 imagem. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBouDhV9/>. Acesso em: 2 maio 2025.

ARANTES, Flávio L. *A “antiga religião” moderna: uma análise fatorial da Wicca de Gerald Gardner*. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

BEYER, Peter. *Religions in Global Society*. Londres: Routledge, 2006.

COHN, N. *Europe's Inner Demons: an enquiry inspired by the great witch-hunt*. London: Chatto Heinemann, 1975.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAXNELD, Per. *Satanic Feminism: Lucifer as the liberator of woman in nineteenth-century culture*. New York: Oxford University Press, 2017. (Oxford Studies in Western Esotericism).

GARDNER, Gerald. *A Bruxaria Hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HANEGRAAFF, Wouter. *New Age Religion and Western Culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996.

HUTTON, Ronald. *The Stations of the Sun: a history of the ritual year in Britain*. Oxford: Oxford University Press, 1996.



HUTTON, Ronald. *The Triumph of the Moon: a history of modern pagan witchcraft*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

LELAND, Charles G. *Aradia: o evangelho das bruxas*. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2016.

MICHELET, J. *A Feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003.

NEWALL, Venetia. *An Egg at Easter: a folklore study*. Londres: Routledge, 1971.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. *A história da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagãs*. São Paulo: Goya, 2019.

SCHNURBEIN, Stefanie von. *Norse Revival: transformations of Germanic neopaganism*. Leiden: Brill, 2016.

YORK, Michael. *Pagan Theology: paganism as a world religion*. New York: NYU Press, 2003.